



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Comunicação Organizacional

Manda um Zap

O *WhatsApp* por uma perspectiva maranhense, interiorana e feminina

Luan Alves de Sousa

Orientador: Prof. Ms. Carlos Henrique Novis

Brasília- DF, dezembro de 2019

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação Social
Departamento de Comunicação Organizacional

Manda um Zap: O *WhatsApp* por uma perspectiva maranhense, interiorana e feminina

Luan Alves de Sousa

Projeto experimental apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do
título de bacharel em

Comunicação Social – Comunicação Organizacional

Banca Examinadora

Prof. Ms. Carlos Henrique Novis (orientador)

Prof. Ms. Érika Bauer de Oliveira (membro titular)

Prof. Dra. Elen Cristina Geraldês (membro titular)

Prof. Dra. Rose May Carneiro (Suplente)

Brasília - DF, dezembro de 2019

LUAN ALVES DE SOUSA

“MANDA UM ZAP: O *WHATSAPP* POR UMA PERSPECTIVA MARANHENSE,
INTERIORANA E FEMININA”

Documentário

Memória do Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Comunicação Organizacional, sob orientação do professor Carlos Henrique Novis.

“Espirando, grimpa, em abraços feiticeiros, os troncos jaldes, verde, em
haustos, a baunilha cheirosa; os barcos vão, de asas pardas, veleiros, sobre as
águas a voar, como uma flecha à quilha...”

Ilhas de mururés, flutuantes, povoadas, de ninhos e canções descem do rio a
esteira, pela corrente azul, de opala em flor, levadas!

Surdem da canarana ariscas embiaras, enquanto, da corrente em sol, fulgindo, à
beira, se banham, de olhar verde, as flácidas niaras...”

No Vale Amazônico

Maranhão Sobrinho (1879-1915)

Autor barracordense

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial a minha mãe, Luciléia Alves e a minha mãe, Maria Alves, que me deram suporte a todo momento.

Ao meu tio/irmão Lucas, que sempre foi um exemplo para mim.

A Eduarda, minha irmã, pela felicidade em me ajudar com seus conselhos.

A Antônio José, por ter me ouvido nas horas difíceis, por ter me apoiado sempre e abraçado a ideia do documentário.

Aos meus primos e primas, em especial Victor, Vinicius, Luana e Laís, pelo apoio no início da graduação, sem eles esse sonho não seria possível.

Aos meus amigos, em especial à Jussara Guedes, Michel Garcia, Júlio Sousa, Carol Moreno, Marisa Wanzeller, Ana Rodrigues, Camila Martins, Natália Carolino, Jéssica Moura, Marcos Roberto, Keyla Cristina, Larissa Damasceno e Samuel Prates, pelo apoio, conselhos e disponibilidade em todas as etapas deste trabalho.

À Universidade de Brasília, por ter me proporcionado experiências acadêmicas, comunitárias e artísticas, sendo a principal responsável pela formação da minha consciência social, me entregando muito mais do que eu imaginava.

À Faculdade de Comunicação, pelo aprendizado e noção do que um profissional de comunicação precisa ter.

À Casa do Estudante Universitário, por ter me acolhido durante toda a minha vida acadêmica dentro da UnB.

À música pop, que embalou as horas de indecisão e de satisfação deste projeto.

Às entrevistadas, que me trataram com todo o respeito e carinho possível, compartilhando comigo histórias pessoais sem saber o quanto estavam me ensinando.

Ao meu querido orientador Caíque Novis, por ter sido paciente comigo e ser exemplo de gentileza e competência.

E por fim, agradeço aqueles que me deixaram no meio do caminho, pois a partir deles, encontrei forças para seguir com o projeto sozinho.

RESUMO

Esta é a memória do Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Organizacional, da produção de um documentário de média-metragem, sobre como diferentes moradoras do interior do Maranhão introduziram na sua cultura a utilização do aparelho celular e como utilizam o *WhatsApp* para se comunicar e se informar. Além da rotina, retratar a relação entre a família, suas atividades cotidianas e saber como a vida as levaram até ali. O documentário pode ser acessado através do link: <https://youtu.be/RkU4wJgkZWY>

Palavras-chave: curta-metragem, documentário, Maranhão, *WhatsApp*, cibercultura e interatividade.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 - INTRODUÇÃO | 08 |
| 2 - PROBLEMA DE PESQUISA | 10 |
| 3 - JUSTIFICATIVA | 11 |
| 4 - OBJETIVOS | 12 |
| 4.1 - Objetivo Geral | 12 |
| 4.2 - Objetivos específicos | 12 |
| 5 - REFERENCIAL TEÓRICO | 13 |
| 5.1 - Memória | 13 |
| 5.2 - Imagem | 16 |
| 5.3 - Tecnologia | 17 |
| 5.4 - Maranhão | 18 |
| 6 - METODOLOGIA | 22 |
| 6.1 - Pré-produção | 22 |
| 6.2 - Produção | 22 |
| 6.2.1 - De Brasília ao Maranhão | 23 |
| 6.3 - Pós-produção | 25 |
| 6.3.1 - Edição do material audiovisual | 26 |
| 6.4.1 - Animação | 26 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 27 |
| 8. CRONOGRAMA | 29 |
| 9. ORÇAMENTO | 30 |
| 10. GALERIA | 31 |
| 12. REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS | 33 |
| 13. REFERÊNCIAS | 34 |

1. INTRODUÇÃO

“Manda um Zap” é um documentário que se propõe a retratar a vida de mulheres moradoras no interior do Maranhão, analisando como elas usam o aparelho celular e os aplicativos de trocas de mensagem na sua rotina diária, lidando com suas limitações das mais diversas. Por meio de depoimentos e registros audiovisuais, procura-se entender como essas personagens se informam e como esses meios as influenciam no seu pensamento crítico. O projeto estará dividido em 4 eixos: Memória, Imagem, Tecnologia e Maranhão. Considerado o estado com a população de menor faixa de renda per capita da federação, o Maranhão ainda sofre com problemas que fogem à realidade do brasileiro médio. Por ter como atividades econômicas predominantes a agricultura e a pecuária, 36,9% da população ainda vive no meio rural e é um mistério para o resto do país.¹ Segundo a Pesquisa Mídia Dados Brasil, o Maranhão tem aproximadamente 7 milhões de habitantes. Desse total, entre 2 e 2,5 milhões, acessam o *Facebook* ou *Instagram* todos os meses. Isso representa 35% de toda a população do estado.² Além disso, esse número vem crescendo rapidamente, isso se deve a redução do custo da internet banda larga, mas, principalmente, aos *smartphones* que acabam sendo a porta de entrada de grande parte do público de baixa renda à internet.

As grandes empresas de aplicativos hoje pensam no *UI Design*, ou *User Interface Design* (Design de Interface do Usuário), é o meio pela qual uma pessoa interage e controla um dispositivo, *software* ou aplicativo. Esse controle pode ser feito por meio de botões, menus e qualquer elemento que forneça uma interação entre o dispositivo e o usuário.³ Essa área da tecnologia estuda maneiras de que todos os usuários aprendam a utilizar os aplicativos e funções do aparelho celular, onde sejam intuitivas as funções, para até mesmo uma criança de quatro anos de idade saiba utilizar.

O exemplo audiovisual veio de *O fim e o Princípio* por Eduardo Coutinho, que se passa no sertão da Paraíba. Foi gravado em formato de documentário, lançado em 2005. Nele o diretor traz uma nova abordagem ao chegar no sertão sem personagens, locações, ou

¹ "IBGE Cidades." <https://cidades.ibge.gov.br/>. Accessed 7 Nov. 2019.

² "Números das redes sociais no Maranhão: Facebook e Instagram." 28 Feb. 2018, <http://quadrantebrasil.com.br/pt-br/numeros-das-redes-sociais-no-maranhao-facebook-e-instagram/>. Accessed 7 Nov. 2019.

³ "O que é UI Design e UX Design? – Design Culture." 10 Mar. 2015, <https://designculture.com.br/o-que-e-ui-design-e-ux-design>. Accessed 6 Nov. 2019.

previsão do que iria gravar. Depois de uma busca, encontram o Sítio Araçás, uma comunidade onde vivem 86 famílias e onde seus moradores mais velhos contam suas histórias.

O objetivo geral do projeto acaba em torno do seu último eixo: criar uma memória audiovisual por meio da história dos entrevistados. Retratar e dar espaço para que eles contem suas vidas e as particularidades de serem quem são, viverem onde vivem, trabalharem da maneira como trabalham e de como se informam vivendo em médios centros urbanos.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

Ao decidir que a temática seria o uso do *WhatsApp* no interior do Maranhão, o principal desafio foi separar minha visão de homem, branco e gay, das mulheres que entrevistaria. Como nasci em uma realidade muito peculiar, surgiu em mim a curiosidade em entender como diferentes moradoras do interior do Maranhão lidam com a presença do uso da tecnologia no seu cotidiano, sendo mais específico, como elas usam o *WhatsApp*. Daí surgiu o desafio de querer registrar a rotina dessas mulheres, por meio de depoimentos e histórias pessoais, cada uma com seu protagonismo.

Para quem nunca foi ao interior do Nordeste, compreender a conjuntura das cidades, a fala das personagens e suas rotinas de vida fica mais difícil. Dessa forma, era importante criar um cenário introdutório, onde o espectador pudesse viajar junto comigo e, ao acompanhar as histórias, compreendê-las. Outra problemática foi que percebi a necessidade de desconstruir o meu próprio olhar. Tive que me abrir para os seus depoimentos sem julgamentos, pois era essencial para que o documentário fluísse e fosse verdadeiro.

Apesar de ter crescido no Maranhão, poucas foram as vezes que eu havia conversado, de fato, para saber mais sobre a vida das moradoras da região. Durante as entrevistas, por ser natural de Barra do Corda, tive que dividir o quanto minha relação com o lugar poderia interferir no encaminhamento do projeto.

3. JUSTIFICATIVA

Nascido e criado no Maranhão, terra de gente que carrega história e muita esperança no peito, sempre quis representar meu Estado de alguma forma em meus trabalhos e retratar a realidade vivida por muitos maranhenses no dia a dia. Mesmo morando em Brasília há pouco tempo, o interior do Nordeste é lugar que fala muito sobre mim. Me irritava a forma como os nordestinos eram retratados na grande mídia, em novelas, séries ou jornais, a imagem era de que o Nordeste era um grande bloco homogêneo, onde o sertanejo ignorante, fugindo da seca, esfomeado e com um sotaque pernambucano marcado era apenas representado. Não que esse tipo não exista, mas está longe de ser o Nordeste por inteiro.

Nos últimos anos com a facilitação do poder de compra de beneficiários do programa social Bolsa Família, que em 2018 teve um aumento de 20%⁴, muitas famílias começaram a ter acesso a informação de maneira mais fácil através de *smartphones*, *tablets* e *notebooks*. Hoje, vivendo na era da informação, relacionar a vida simples e os avanços tecnológicos em um estado onde ainda se concentra um grande número de famílias carentes foi um desafio. Por meio de pesquisas, conheci grandes documentaristas como Eduardo Coutinho e Yann Arthus-Bertrand, que acenderam em mim o desejo de produzir um produto audiovisual.

Na faculdade, aprendi e aperfeiçoei algo que antes era sonho: filmar. Contar histórias virou meu objetivo de trabalho e estudar sobre isso, uma paixão. Pela importância que esses temas ocupam hoje na minha vida, produzir algo que os unisse fez total sentido. Quero fazer um registro de uma memória, por meio de um documentário, que seja fiel às suas interlocutoras e vise ressaltar o protagonismo das mesmas.

⁴ "Poder de compra de beneficiários do Bolsa Família sobe 20% em julho." 15 Jun. 2019, <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-06/poder-de-compra-de-beneficiarios-do-bolsa-familia-sobe-20-em-julho>. Accessed 02 Nov. 2019.

4. OBJETIVOS

4.1 – Objetivo Geral

- Construir um registro de como diferentes moradoras do interior do Maranhão utilizam os aplicativos de troca de mensagem no dia a dia.

4.2 - Objetivos específicos

- Elaborar um documentário que conte de maneira sensível a história das personagens.
- Representar essa parte específica da população e disponibilizar informações para pessoas que procurem sobre o tema.
- Levar para o maior número de pessoas a realidade tecnológica de moradoras do interior maranhense.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

Para entender o processo do documentário, foram selecionados referências teóricas para analisar alguns pontos chaves, são eles: Documentários memoriais, memória coletiva e individual, imagem, tecnologia, interatividade, Maranhão e gênero. Para isso fui a procura de base teóricas nos mais diversos campos da comunicação e tecnologia.

5.1 - Memória

5.1.1 - Documentários memoriais / Memória coletiva e individual

O filósofo alemão, Walter Benjamim, dizia que o homem moderno está sujeito ao esquecimento. Neste ponto, é interessante analisar como o trabalho do documentarista se assemelha ao do historiador; em uma procura pelo registro do outro, a memória é a linguagem de ambos.

O documentário se compromete com uma narração do real, ao contrário de outros gêneros de filmes. De acordo com Cassio dos Santos Tomain, em seu artigo “*O documentário como chave para a nossa memória afetiva*” ele afirma que “o cineasta caracteriza o documentário como um valioso lugar de memória, uma vez que, segundo Pierre Nora (1993), estes lugares só existem porque os grupos sociais vêm seu passado ameaçado pelo esquecimento”.

Por muito tempo, o documentário possui uma posição polêmica e dúbia na história, crítica e teoria do Cinema. Simplesmente por recorrer a procedimentos próprios desse meio - escolha de planos, estética de enquadramento, montagem, iluminação, separação de etapas de pré-produção, produção, pós-produção. Ao mesmo tempo, procura manter uma relação de proximidade com a realidade, respeitando um determinado conjunto de convenções: registros *in loc*, não direção de atores, uso de cenários naturais, imagens de arquivo etc. Apesar de servir como um registro histórico, o documentário não deixa de ter sua própria perspectiva e sua própria voz.

Portanto, o que nos interessa em um documentário não é o que ele testemunha, registra, mas como opera um discurso filmico sobre o passado, levando em

consideração a sua tríade identitária: registro in loco, criatividade e ponto de vista. É do encontro do cineasta com os atores sociais que se procura reconhecer a “verdadeira imagem do passado”, aquela que perpassa veloz, num instante como um relampejar, antes que ela desapareça para sempre (TOMAIM, 2009, p. 59).

Na obra *A Memória Coletiva*, Maurice Halbwachs afirma que para existir uma memória individual é necessário sempre existir uma memória coletiva, pois para ele, a origem principal de diversas lembranças são inspiradas pelos grupos e as experiências anteriores que os atravessam. Dessa forma, o autor aponta:

Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível (HALBWACHS, 2004: p.41).

Por as memórias individuais sofrerem uma grande influência da memória coletiva, ainda existe o estado de consciência individual a intuição sensível. A intuição sensível é atravessada pela memória coletiva que o documentário busca captar. Lembrando que, as experiências individuais também traduzem a experiência no coletivo, sem deixar de ser uma história única e particular.

Segundo o historiador francês, Pierre Nora (1993), a memória é como algo que possui vida, agrega os grupos vivos, em constante evolução. Ela é suscetível às manipulações, se renova constantemente; se fortalece por lembranças particulares ou simbólicas, sensível à transferências e pequenos detalhes.

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente (...). A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre 16 prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada (NORA, 1993: p.9).

Em busca de uma definição, Nora considera contrária à ideia do que é História. Diferente de memória, a História necessita de análise e está fortemente ligada à continuidade. Devido essas diferenças, esse projeto não tem a intenção de fazer História propriamente dita ou memória em si (sendo que ela já existe), mas construí-la e registrá-la.

Retratar essas memórias de maneira única e individual é, ao mesmo tempo, retratá-las em grupo. O documentário se propõe ser um jogo de tabuleiro, onde aos poucos as peças (no caso, as histórias) estão interligadas, formando assim, uma história e imagem muito maior. Ainda sim, entendendo a noção de grupo e possuindo o protagonismo do relato individual.

Contudo, para Halbwachs, a memória é um processo de reconstrução que deve ser analisada levando em consideração dois pontos: o primeiro seria o fato de uma repetição linear dos acontecimentos, experiências e vivências no meio de interesses atuais; por outro lado, se diferencia dos acontecimentos e vivências que podem ser evocados e localizados em um determinado tempo e espaço envoltos num conjunto de relações sociais.

A liberdade de criação do documentarista, o discurso da obra é composto tanto pelo contexto e realidade dos personagens, quanto pela visão da realidade de quem o faz. Arnau Gifreu Castells, pesquisador espanhol, afirma que o documentário não deve ser levado como um meio de verdade absoluta. Onde diz:

Su manera de expresarse radica en la selección y la ordenación de sus hallazgos, y las decisiones que toman convierten el discurso que transmiten al mundo, siempre enmarcados dentro de su subjetividad individual. Cada selección del documentalista se traduce en la expresión de un punto de vista determinado, consciente o inconsciente, reconocido o no reconocido. Barnouw (1996:312-313) opina que un documental no puede ser considerado "la verdad", sino la prueba o el testimonio de un hecho o una situación, enmarcado dentro del complejo proceso histórico (2013, p.39).

Essa proximidade com a subjetividade individual é também um dos fatores que afasta o documentário da reportagem. Apesar de ambos terem uma natureza similar, a reportagem se mantém mais distante dos recursos artísticos, com uma postura mais austera e próxima do estilo direto do jornalismo puro.

5.2 – Imagem

Segundo Bill Nichols, na sua obra introdução ao documentário, ele aborda de uma maneira inovadora e bem sustentada um diálogo entre a semiologia e os estudos da retórica. O autor traz uma série de questionamentos sobre o que é um filme documentário, por meios de

questões éticas, estéticas e epistemológicas. Nichols, afirma que existem os modos de documentários, são eles: documentário participativo, expositivo, observativo, reflexivo, performático e poético, que, por sua vez, correspondem a diferentes momentos históricos na evolução da sub-linguagem do cinema que gradativamente passou a ser denominado como cinema documentário.

Existem várias formas de dividir o vídeo e o filme documentário em diferentes grupos, movimentos ou modos. Quatro dos modos discutidos aqui (expositivo, observativo, participativo [anteriormente denominado interativo] e reflexivo) são abordados mais profundamente em *Representing reality*, ao passo que o modo performático tem um capítulo à parte em Bill Nichols, *Blurred boundaries: Questions of meaning in contemporary culture* (Bloomington: Indiana University Press, 1994). Carl Plantinga apresenta essa questão em *Rhetoric and representation in nonfiction film*, e Michael Renov propõe um conjunto alternativo de divisões em *Theorizing documentary*, organizado por ele. (NICHOLS, 2010, p. 226)

Assim, para pensar os diferentes modos documentários, muitas vezes sobrepostos dentro de uma mesma narrativa fílmica, o autor propõe trabalhar com o conceito de “voz” atrelado às narrativas, imagens, asserções e exposições dialógicas do documentário com o mundo. De forma geral, Nichols se organiza a partir de uma série de questionamentos sobre ética, política, definições, conteúdos, formas e tipos de vídeo e filme documentário. Estas questões são tratadas ao longo do livro relacionadas à diferenciação entre este gênero do cinema e o filme denominado de ficção. (NICHOLS, 2010)

5.3 - Tecnologia

De acordo com Pierre Lévy, a expressão cibercultura foi criada para explicar a quebra de fronteiras, ou seja, o movimento causado pela revolução dos novos meios de comunicação. A partir da cibercultura o universo está em movimento de troca e de transformação sócio-cultural comunicacional, onde tudo o que ocorre se dá graças à movimentação gerada pelas novas tecnologias. Por ter um contexto muito amplo, fica difícil definir o que exatamente seria Cibercultura, mas dentre as várias definições queremos destacar a seguinte:

A cibercultura aponta para uma civilização de telepresença generalizada. Para além de uma física da comunicação, a interligação constitui a

humanidade em contínuo sem fronteira, cava um meio informativo oceânico, mergulha as pessoas e as coisas no mesmo banho de comunicação interactiva. A interligação tece um universal por contacto. (LÉVY, 1997, p. 132).

5.3.1 - Interatividade

O *WhatsApp Messenger* é um aplicativo de mensagens para celulares (diferentes plataformas) também disponível para *web*, que possibilita a troca de mensagens de texto, vídeos, imagens, áudios e documentos de maneira gratuita - através de uma conexão pela internet. Além de mensagens básicas, o aplicativo disponibiliza aos usuários a opção de criar grupos e ampliar a comunicação com mais pessoas.

De acordo os dados da consultoria GlobalWebIndex, 73% dos usuários que utilizam o WhatsApp no mundo possuem celulares com o sistema operacional Android, da Google. A plataforma iOS, da Apple, está em segundo lugar, com 27% do mercado. Os servidores do aplicativo utilizam o sistema operacional FreeBSD com a linguagem de programação Erlang⁵.

Em 2015, também passou a ser utilizado pelo computador, através do navegador Google Chrome, e em fevereiro, o serviço também foi disponibilizado para usuários dos navegadores Mozilla Firefox e Opera. Em 2016, os criadores do aplicativo WhatsApp divulgaram a notícia de que o aplicativo se tornaria totalmente gratuito. No mesmo comunicado, foi anunciado que o serviço de mensagem chegou a 990 milhões de usuários.

No Brasil, a troca de mensagens instantâneas é um dos principais usos dos aparelhos móveis, como celulares ou smartphones: 83,3% dos lares monitorados pela Kantar disseram usar aplicativos de mensagens instantâneas em 2016, aumento de 9,8 pontos percentuais em relação ao ano anterior.

Jakob Nielsen, cientista dinamarquês, e Donald Norman, professor americano e cientista da computação, definem a Experiência do Usuário como uma maneira de englobar todos os aspectos da interação do usuário final com a empresa, seus serviços e seus produtos,

⁵ "1 in 5 WhatsAppers using iOS - GlobalWebIndex Blog." 27 ago.. 2015, <https://blog.globalwebindex.com/chart-of-the-day/1-in-5-whatsappers-using-ios/>. Acessado em 9 dez.. 2019.

ou seja, ela é responsável por estudar as melhores maneiras de atender as necessidades dos usuários e deixá-los satisfeitos com todo o processo.⁶

A verdadeira experiência do usuário vai muito além de somente fornecer aos clientes o que eles dizem querer, sendo necessário fazer com que eles se sintam alegres por possuírem seu produto e felizes em utilizá-lo. Desta forma, o designer estuda e avalia como os usuários se sentem sobre um sistema, levando em consideração aspectos como a facilidade de uso, percepção de valor do sistema, utilidade, eficiência na execução de tarefas e demais características para propor a melhor solução a um determinado problema.

Palácios e Lemos (2004) afirmam que a interatividade é um termo que ganhou expressão nos dias atuais, com o aumento das novas tecnologias. Para eles, esse termo é usado de distintas maneiras nos meios de comunicação, então, pode remeter a diversos significados. Na televisão ou no rádio, por exemplo, um programa interativo seria aquele em que o telespectador ou ouvinte pode, por meio de ligações telefônicas, escolher entre uma das opções oferecidas pelo apresentador. Outra maneira de interação é um jogo de videogame, em que o jogador executa comandos de forma a agir como se fosse um dos personagens do jogo. O termo interatividade origina-se da palavra interação; Palácio e Lemos (2004, p. 174) julgam importante diferenciar os dois termos, e definem interação da seguinte forma:

Partindo da etimologia da palavra —interação ||, como propõem Primo (1999) e Moraes (1999), conclui-se que se trata de uma _ação entre entes' (inter + ação = ação entre). Conforme Moraes, quando falamos em interação (...) há de se pressupor que está presente uma relação entre, no mínimo, dois agentes; uma ação mútua.

5.4 - Maranhão

De acordo com o último Censo Demográfico, realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população do Maranhão é formada por 6.574.789 habitantes, a estimativa é que até o final de 2019 o estado possua 7.075.181 habitantes, sendo a quarta maior da Região Nordeste. Esse contingente populacional

⁶ "O que é UI Design e UX Design? – Design Culture." 10 Mar. 2015, <https://designculture.com.br/o-que-e-ui-design-e-ux-design>. Accessed 7 Nov. 2019.

corresponde a aproximadamente 3,4% da população atual do Brasil.⁷ De acordo com o panorama do IBGE, Barra do Corda possui cerca de 88.212 habitantes⁸.

A contribuição maranhense no Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil continua baixíssima, apenas 1,3%. A participação dos principais setores da economia estadual é a seguinte: serviços – 63,5%; agropecuária – 18,6%; indústria – 17,9%.

A indústria, que representa 17,9% do PIB maranhense, baseia-se nos setores: metalúrgico, madeireira, extrativismo, alimentício e químico. Na agricultura, destacam-se os cultivos de cana-de-açúcar, mandioca, soja, arroz e milho. Com uma costa litorânea de 640 quilômetros, a segunda mais extensa do país, apresentando-se inferior apenas à Bahia, o Maranhão tem na pesca, importante atividade econômica. O turismo é outro segmento fundamental para a economia estadual, as belas praias, os Lençóis Maranhenses, além do turismo cultural e religioso, atraem milhares de visitantes.⁹

O Maranhão foi explorado desde a época das capitanias hereditárias, tornando-se território disputado e ocupado pelas mais diversas potências europeias. Geograficamente localizado metade na Amazônia e metade no Nordeste, sofreu com as invasões do período colonial e tudo o que elas traziam: a escravidão, as lutas contra os povos indígenas (até hoje em guerra com latifundiários em muitas regiões do estado) e o esquecimento em um país onde o sul era, e ainda é, prioridade.

Ao declarar fundada Barra do Corda, Melo Uchoa batizou-a primeiramente de Missões, depois Santa Cruz de Barra do Corda, porque 3 de maio é o dia da Santa Cruz. Em seguida, Barra do Rio das Cordas e, finalmente, Barra do Corda. O nome 'Corda' é em razão do rio Corda então conhecido como rio 'Capim'. Como existiam muitos cipós que se enrolavam em forma de corda, daí o nome rio Corda e por fim Barra do Corda.¹⁰

O IBGE, por meio de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD 2017), trazem dados sobre o uso da internet e alguns tipos de eletrodomésticos pelos brasileiros.

⁷ "Maranhão - IBGE Cidades." <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma>. Accessed 6 Nov. 2019.

⁸ "IBGE | Cidades@ | Maranhão | Barra do Corda | Panorama." <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/barra-do-corda/panorama>. Accessed 6 Nov. 2019.

⁹ "Economia do Maranhão - Brasil Escola - Uol." <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/economia-maranhao.htm>. Accessed 6 Nov. 2019.

¹⁰ "História | Barra do Corda Maranhão Região Nordeste Do Brasil." <https://www.visiteobrasil.com.br/nordeste/maranhao/polos-guajajara-timbira-e-canela/historia/barra-do-corda>. Acessado em 9 dez.. 2019.

Segundo o instituto, o número de maranhenses com acesso a internet subiu 8,5% em comparação com 2016, mas o estado ainda ocupa a última posição dentre todos os estados do país. Uma das razões é que muitos ainda consideram o serviço caro.

Em 2017, apenas 56,1% dos maranhenses possuíam acesso à rede, sendo que 99,5% acessam a internet por meio do celular. O uso do aparelho de telefone móvel também cresceu e agora está presente em 84% dos domicílios no Maranhão.¹¹

5.4.1 - Gênero (Mulher maranhense)

De acordo com dados da PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua) 2018, o número de mulheres no Brasil é superior ao de homens. A população brasileira é composta por 48,3% de homens e 51,7% de mulheres.¹²

As mulheres sofrem com as violências das mais diversas, sejam elas físicas, psicológicas e sociais. No entanto, é necessário realizar um recorte racial e social para analisar o contexto dessas violências. Recorte racial porque um estado onde 75% da população é negra, ser branco é fator considerável. E recorte social porque, as mulheres que nasceram nos grandes centros do estado, como na capital, na classe média é totalmente diferente da nascida e criada no interior.

O campo educativo maranhense, gestadas pela elite política e econômica do estado no período oitocentista e início da República, constata que as iniciativas educacionais não priorizaram o ensino público. Uma das razões que motivou esse “descuido intencional” pode estar relacionada ao fato de que os maiores beneficiados seriam aquelas crianças, filhos dos pobres e desvalidos, que, na concepção da sociedade do período, pouco contribuíram para a remodelagem do espaço urbano e para o progresso do estado.¹³ E nesse cenário, as mulheres sempre eram as que ficavam responsáveis pelos cuidados da casa, em muitos casos, deixavam de frequentar a escola. Ainda é muito limitado e escasso dados e pesquisas sobre mulheres

¹¹ "Maranhão tem maior índice de casas sem internet do país, diz" 20 Dec. 2018, <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2018/12/20/maranhao-tem-maior-indice-de-domicilios-sem-acesso-a-internet-do-pais-segundo-ibge.ghtml>. Accessed 6 Nov. 2019.

¹² "Quantidade de homens e mulheres | Educa | Jovens - IBGE." <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>. Accessed 12 Nov. 2019.

¹³ "EDUCAÇÃO MARANHENSE: um olhar sobre a instrução" http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/file/574.doc. Accessed 12 Nov. 2019.

maranhenses. De acordo com a historiadora maranhense Marize Helene de Campos (2008), diz:

(...) ainda que as pesquisas sobre a temática no Brasil venham crescendo, alguns entraves, como a escassez e a fragmentação de documentos, a existência de um mercado editorial tímido para as publicações, a falta de debates sobre o tema e a concentração de pesquisas na região sul-sudeste permanecem conservando lacunas em regiões como, por exemplo, o Maranhão, onde as pesquisas históricas sobre mulheres estão em fase inicial (2008: p.34)

6. METODOLOGIA

A elaboração deste documentário contou com três etapas: pré-produção, produção e a pós-produção.

6.1 - Pré-produção

A princípio, o tema do projeto era retratar como uma família do interior do Maranhão utilizava o celular para se comunicar. Depois de algumas pesquisas de projetos semelhantes (especialmente *O fim e o princípio* de Eduardo Coutinho) e algumas alterações no objetivo do trabalho, comecei a ampliar meus horizontes. Durante conversas com meu orientador, o professor Caíque Novis, imaginamos juntos outros cenários, que eu poderia conhecer mais histórias de mulheres maranhenses.

Através de pesquisas e leituras, descobri um grande acervo de documentários; estudei seus papéis como registro de memória e suas validades como arquivo histórico. Analisei algumas obras, dos mais diferenciados temas, observando o estilo de câmera, os cortes, a montagem e as trilhas sonoras.

Um documentário em especial foi de extrema importância:

Documentário: "*Terras Brasileiras*" (Brasil, 2018)

Disponível em: [youtube.com/watch?v=ebfv6c4aj2A](https://www.youtube.com/watch?v=ebfv6c4aj2A)

Data de acesso: 07 de novembro de 2019

Produzido pela TV Câmara, o documentário fala sobre os conflitos causados pela disputa por terra no sul do Mato Grosso do Sul, envolvendo indígenas e produtores rurais, provocados por erros do próprio Estado brasileiro. No sul do Mato Grosso do Sul, quase fronteira com o Paraguai, indígenas e produtores rurais disputam a posse da terra. Num clima tenso, sobram confrontos, despejos, ataques e até mortes. O conflito vem de séculos, mas agora, os dois lados exigem solução urgente. A disputa já se transforma numa tragédia de grandes proporções. O documentário revela os bastidores do drama sofrido por indígenas e produtores rurais na luta pela terra.

O olhar sensível e delicado do documentário, me trouxe ideias de como iria abordar as entrevistadas na sua rotina diária, assim que começasse as gravações. Visto que, em Barra do Corda concentra-se grande parte das terras indígenas no Maranhão.

6.2 - Produção

Sabendo que seria um documentário, comecei a procurar passagens aéreas cerca de dois mês e meio antes da data limite que decidi para que o trabalho seguisse os prazos até ser entregue.

Barra do Corda foi a cidade que escolhi para procurar minhas personagens. A cidade é sede da Região de Planejamento dos Guajajaras, localizada no centro geográfico do Maranhão, na confluência dos Rio Corda e Rio Mearim. Por já ter morado lá por muitos anos, escolhi a cidade pela estrutura que ali existe: a maior parte da minha família ainda mora lá, podendo oferecer hospedagem e meios de transporte.

As passagens foram, então, compradas no trecho Brasília-Teresina, e logo depois segui para o trajeto Teresina-Barra do Corda nas rodovias. As câmeras utilizadas foram duas (uma do meu celular pessoal, um Motorola G7 Plus e uma câmera semi-profissional, Canon T5i), ambos equipamentos eram de uso próprio, assim como o microfone de lapela e tripé. Dessa forma, meu gasto com equipamentos foi quase zero, pois também já possuía três cartões de memória e baterias. Configurei as câmeras para que filmassem em alta resolução (1080p), pois a prioridade era a alta qualidade da imagem e som.

6.2.1 - De Brasília ao Maranhão

Desembarquei no dia 24 de setembro de 2019, em Teresina, uma terça-feira à tarde. Sem possibilidade de pegar um ônibus devido ao horário de chegada do voo, passei a noite na casa de minha prima Luana Alves e no dia seguinte segui para Barra do Corda. Com a sensação térmica de 40°C, cheguei na cidade dia 25 e no dia seguinte já fui procurar as personagens.

Escolhi o Mercado Municipal como meu primeiro destino, ao chegar lá, olhares curiosos me cercavam pois eu estava rodeado de equipamentos e fazia imagens do local.

Depois de uma pequena espera, conheço duas personagens: Maria da Silva, uma senhora de 69 anos, feirante em Barra do Corda há mais de 40 anos e Maria Cristina, uma estudante de 15 anos que também trabalha no mercado.

No dia seguinte, fui encontrar Marilene, gari, que trabalha na Beira-Rio, um ponto turístico da cidade, onde passei uma tarde e registrei um pouco da sua rotina. Dias depois fui na casa de Ildinete da Silva, dona de casa, 49 anos, onde conversamos sobre sua experiência de vida e ouvi seus relatos sobre o uso do *WhatsApp*.



Figura 1 - Entrevista com Ildinete dos Santos

Créditos: Lucas Alves



Figura 2 - Registro da rotina de trabalho de Marilene da Silva

Créditos: Antônio José

Um grande passo da produção em si, foram as filmagens com as entrevistadas. A partir delas pôde-se concretizar o roteiro, fazendo-se associações diretas entre fatos dos depoimentos narrados e as imagens coletadas. Este esqueleto seria, por fim, concluído na etapa de edição.

6.3 - Pós-produção

6.3.1 Edição do material audiovisual

No Maranhão, comecei a imaginar possíveis formas que queria montar o documentário. Com pouca experiência, imaginei várias possibilidades, pensei em chamar alguém para editar o projeto, mas vi que não seria possível. Desta forma, aceitei o desafio de editar sozinho. Logo que cheguei em Brasília, recolhi todo o material que havia coletado, criei pastas no meu computador para que pudesse decupar e montar o documentário.

Toda a edição foi feita com o programa Adobe Premiere. Desde o começo, a intenção era unir os vídeos por categorias que, em especial, fossem referentes ao uso do

WhatsApp. A entrevista também foi pensada para que uma pergunta não dependesse da outra e toda narrativa fluísse de acordo com os depoimentos.

Realizei a mixagem de som, a inserção dos efeitos sonoros e trilhas musicais que acompanhariam as imagens de cobertura.

6.4.1 - Animação

Ao longo do processo, desenvolvi uma identidade visual. Utilizei balões de conversas do *WhatsApp* para apresentar as personagens durante o documentário. Essa proposta foi pensada com o intuito de que o espectador ficasse imerso na temática central do projeto.

6.5.1 - Trilha sonora

Adotei transições no início e no final do documentário. Optei por dois caminhos paralelos: usar músicas instrumentais livres de direitos autorais de melodia tranquila e arranjos que priorizassem instrumentos e sons tipicamente maranhenses, na tentativa de manter o ritmo calmo dos depoimentos; e o som ambiente das entrevistas, associando com sons de notificações de celular, com intuito de aproximar o espectador da realidade abordada no filme, lembrando-o que as entrevistas apresentadas são parte do contexto de mulheres que vivem no interior do Maranhão. Assim, com uma trilha pouco sutil e o uso moderado de imagens de cobertura, a montagem de *Manda um Zap* privilegia a deposição dos personagens, sem perder a naturalidade presente nas gravações.

A música que embala o final do documentário se chama “*Barra do Corda Amor da minha vida*” uma canção bem típica do município, ela que, por muitas vezes, marcou a minha infância e minha história com a cidade. Então, essa canção faz total sentido estar ali.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construindo um registro da memória de moradoras maranhenses e o uso do *WhatsApp*, a partir de seus próprios depoimentos, ao observar o trabalho finalizado, alguns meses depois da sua filmagem, consigo enxergar meu objetivo principal no resultado final. Mesmo sabendo de algumas melhorias que o produto precisa, ele cumpre bem seu papel: retrata cada personagem à sua maneira, dando espaço de fala para que elas expressem suas opiniões, vivências e experiências de vida, e, principalmente, mostra ao espectador uma realidade antes desconhecida.

Elaborar este documentário foi um sonho alto, definitivamente um passo maior que a perna, visto que fui ambicioso em levar o projeto adiante sozinho. Tive que aprender em semanas o que pessoas levam meses, anos para se aperfeiçoar e, dentro das minhas possibilidades, com a ajuda de familiares e amigos, fiz um trabalho que me orgulha. Unir a paixão pela comunicação e audiovisual ao desejo de que mais pessoas conhecessem sobre o estado que nasci e fui criado, foi um desafio que funcionou bem.

O início deste processo foi árduo e conturbado, pois não possuía uma ideia concreta de onde eu realmente gostaria de chegar. Entretanto, é interessante perceber como o percurso traçado mostrou alternativas viáveis a partir das diversas dificuldades que encontrei, da produção e edição, por exemplo.

O mundo é imenso, e cheio de histórias incríveis para serem descobertas. Fazer parte de todo processo de criação e produção de “*Manda um Zap*” foi uma experiência incrível. Foi através dele que pude perceber que no mundo existem milhões de possibilidades e que você pode fazer tudo que sonhas se concretizar.

Foi uma experiência incrível poder contar histórias por muitas vezes esquecidas, lembrei que o valor das coisas vem através de pequenos gestos, isso percebi quando entrevistei as moradoras.

Ter a ideia, filmar e editar este projeto me trouxeram diversos sentimentos: muito autoconhecimento sobre a minha história e o lugar de onde venho, a felicidade em conhecer novas pessoas ao longo do caminho e a tristeza perante às injustiças. Hoje com o mundo mais conectado, o projeto me mostrou um lado do nordeste ainda pouco estudado, o lado tecnológico. Onde as pessoas que por mais que lidem com situações que as limitam; não se

limitam, se informam e se comunicam como nunca. Pois se comunicar é um ato lindo de expressão e descoberta do mundo.

Percebo que além de cumprir meus objetivos acadêmicos, reforcei em mim o orgulho que tenho em ser nordestino e em especial de ser maranhense, nas novas amizades que foram feitas, nas boas-vindas acaloradas e nos olhares trocados.

Ao final, achei importante ter conseguido realizar um trabalho que acredito ser importante socialmente e politicamente, utilizando diversas habilidades que aprendi nos anos da graduação. *Manda um Zap*, tenta mostrar, enfim, a importância da memória do interior do Brasil. Simples assim. Talvez esta seja a conquista mais importante.

7. CRONOGRAMA

| Pré-produção | Produção | Pós-produção | Apresentação |
|--|---|---|---|
| agosto/setembro <i>Pesquisas sobre o tema, contato com a orientador Caíque Nóvis, leituras e elaboração do projeto como documentário, planejamento da viagem. Checagem de equipamentos, contato com minha família no Maranhão, começo do referencial teórico da memória e viagem de produção.</i> | (24 a 04 de outubro) <i>Gravação com as personagens em campo e verificação do material coletado.</i> | outubro/novembro <i>Edição e finalização do vídeo e desenvolvimento da memória. Convite para a banca e entrega do projeto.</i> | dezembro <i>Apresentação para a banca.</i> |

8. EQUIPAMENTOS

| |
|------------------------------------|
| Cannon T5i |
| Tripé |
| Lapela |
| Motorola G7 Plus |
| Duas baterias para a câmera |

9. ORÇAMENTO

| | | | |
|---|--|----------------------------|-----------------|
| Passagens aéreas (Brasília – Teresina; Teresina – Brasília) | Passagem de ônibus (Teresina – Barra do Corda; Barra do Corda - Teresina) | Alimentação e locomoção | Edição de vídeo |
| R\$ 420,30 | R\$ 120,00 | R\$ 200,00 | R\$ 0,00 |
| Custo total: R\$ 740,30 | | | |

10. GALERIA



Figura 3 - Maria da Silva

Reprodução: Luan Alves



Figura 4 - Maria Cristina

Reprodução: Luan Alves



Figura 5 - Ildinete dos Santos

Reprodução: Luan Alves



Figura 6 - Marilene da Silva

Reprodução: Luan Alves

12. REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

O fim e o Princípio - Eduardo Coutinho (Brasil, 2005)

Sem pesquisa prévia, sem personagens, locações nem temas definidos, uma equipe de cinema chega ao sertão da Paraíba em busca de pessoas que tenham histórias para contar. No município de São João do Rio do Peixe a equipe descobre o Sítio Araçás, uma comunidade rural onde vivem 86 famílias, a maioria ligada por laços de parentesco. Graças à mediação de uma jovem de Araçás, os moradores - na maioria idosos - contam sua vida, marcada pelo catolicismo popular, pela hierarquia, pelo senso de família e de honra.¹⁴

Terras Brasileiras - TV Câmara (Brasil, 2018)

Produzido pela TV Câmara, o documentário fala sobre os conflitos causados pela disputa por terra no sul do Mato Grosso do Sul, envolvendo indígenas e produtores rurais, provocados por erros do próprio Estado brasileiro.

Human - Yann Arthus-Bertrand (França, 2015)

Human é um documentário que reúne diversos testemunhos de pessoas de todo o planeta sobre situações das suas vidas. O produtor teve como base entrevistas a mais de 2000 pessoas em 65 países. Na edição, foram escolhidas 110 entrevistas. Os temas abordados são, amor, liberdade, morte, ódio, discriminação, fome, desigualdade, entre outros. São trabalhadores, camponeses, aborígenes, refugiados, soldados, rebeldes, prisioneiros sentenciados à pena de morte, mães, pais, maridos e mulheres que dividem com a câmera suas trajetórias e a maneira como vivem e veem o mundo.¹⁵

¹⁴ "O Fim e o Princípio - Filme 2005 - AdoroCinema." <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-202135/>. Acessado em 9 dez.. 2019.

¹⁵ "Documentário investiga a essência humana e seus paradoxos." 5 out.. 2016, <https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/2016/10/documentario-investiga-a-essencia-humana-e-seus-para-doxos-4043/>. Acessado em 9 dez.. 2019.

13. REFERÊNCIAS

BRETAS, V. **Os estados com a melhor (e a pior) condição de vida no Brasil**. Exame, 2017. Disponível em:

<exame.abril.com.br/brasil/os-estados-com-a-melhor-e-a-pior-condicao-de-vida-no-brasil/>. Acesso em: 10 out. 2019.

BATISTA, Rafael. **Fake News**. **Mundo Educação**, 2018. Disponível em:

<<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/curiosidades/fake-news.html>>. Acesso em: 10 out. 2019.

BARAZZETTI, Igor. **A relevância do Design de UX na qualificação da relação do usuário com interfaces Web**. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul - RS, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política**.

São Paulo: Brasiliense, 1987.

CRUZ, Maria Renata. **Os novos meios de comunicação e a sua influência na constituição subjetiva**. NF,25. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ – Santa Rosa – RS, 2012.

CHAGAS, Paulo Victor. **Poder de compra de beneficiários do Bolsa Família sobe 20% em julho**. EBC, 2018. Disponível em:

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-06/poder-de-compra-de-beneficiarios-d-o-bolsa-familia-sobe-20-em-julho>>. Acesso em 10 out. 2019.

CAMPOS, Marize Helena. **Senhoras Donas: economia, povoamento e vida material em terras maranhenses (1755-1822)**. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008.

CASTELLS, Arnau Gifreu. **El documental interactivo como nuevo género audiovisual**.

Barcelona, Universitat Pompeu de Fabra, 2012 Disponível em:

http://agifreu.com/interactive_documentary/TesisArnauGifreu2012.pdf Acesso em: 21 ago. 2019.

FAJARDO, Vanessa. **Como o analfabetismo funcional influencia a relação com as redes sociais no Brasil**. BBC News Brasil, 2018. Disponível em:

<<https://www.revistaeducacao.com.br/whatsapp-analfabetos-funcionais/>>. Acesso em 07 nov. 2019.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **"Economia do Maranhão "**; Brasil Escola.

Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/brasil/economia-maranhao.htm>>. Acesso em: 10 out. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Centauro, 2004.

KURMANN, Carol. **Comportamento do Usuário Brasileiro de Smartphone. Snapcart, 2018.** Disponível em: <<https://snapcartbrasil.com/comportamento-do-usuario-smartphone/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

MORAES, Pamella. **Marias Mulheres Maranhenses - Em busca de um olhar sensível do feminino no interior do Nordeste.** Universidade de Brasília - Brasília - DF, 2016.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** São Paulo, Proj.História, 1993. Disponível em:
<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>
Acesso em: 03 set. 2019.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** Campinas - SP, Papirus Editora, 2010.

TRINDADE, Ingrid. **Números das redes sociais no Maranhão: Facebook e Instagram.** Quadrante Brasil, 2019. Disponível em:
<<http://quadrantebrasil.com.br/pt-br/numeros-das-redes-sociais-no-maranhao-facebook-e-instagram/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

TOMAIM, Cassio dos Santos. **O documentário como chave para a nossa memória afetiva.** **Intercom** - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Brasil, jul./dez. 2009. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/259/252>. Acesso em: 01 set. 2019.